

Corrupção no contexto do estado de bem-estar europeu: perspectivas etnológicas¹

Dieter Haller²

Resumo

Esse ensaio explora o que a *Ethnologie* (antropologia social e cultural) pode contribuir ao estudo da corrupção. Primeiro, apresenta abordagens básicas ao estudo de corrupção pelas ciências sociais e políticas convencionais e pelos agentes políticos influentes tais como a Transparência Internacional. Nessas abordagens, a cor-

¹ Versão revisada da conferência inaugural para a Cátedra de Antropologia Social, proferida em 14 de dezembro de 2005 na Faculdade de Ciências Sociais, Ruhr-Universität Bochum. A audiência se constituiu de sociólogos, cientistas políticos e economistas. Este artigo foi publicado originalmente, com o título “Corruption in the Context of the European Welfare State: Ethnological Perspectives”, em *Anthropological Journal of European Cultures*, 17, 2008: 130-44 (DOI: <http://dx.doi.org/10.3167/ajec.2008.170209>). Agradecimentos à Editora Berghahn pela permissão de publicar a tradução do artigo neste periódico.

² Professor Titular da Cátedra de Antropologia Social na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha (www.sowi.rub.de/sozanth/index.html.en). Suas principais áreas de interesse são: cidades portuárias, áreas de fronteira, diáspora, corrupção, EUA, Gibraltar, Espanha e o Mediterrâneo. Atualmente ele está pesquisando a história da antropologia na República Federal da Alemanha entre 1960 e 1990. Página de Prof. Haller: www.sowi.rub.de/sozanth/haller.html.de.

rupção é moldada por uma variedade de pressupostos: que a corrupção ocorre entre as esferas pública e privada, que é um indicador da instabilidade e que é moralmente repreensível e, por isso, uma atividade clandestina. O ensaio discute esses pressupostos do ponto de vista antropológico, e assim detecta pontos cegos nas abordagens convencionais. Finalmente, ao discutir quatro exemplos, o ensaio procura mostrar como a *Ethnologie* pode enriquecer outras abordagens da pesquisa social e científica sobre a corrupção com uma contribuição real.

Palavras-chave: corrupção, *Ethnologie*, discurso, práticas locais, escandalização.

Abstract

This essay explores what *Ethnologie* (social and cultural anthropology) can contribute to the study of corruption. It firstly lays bare basic approaches of the study of corruption by conventional political and social sciences and influential political agents such as Transparency International. In these approaches, corruption is shaped by a variety of assumptions: that corruption takes place between the public and a private sphere, that it is an indicator of instability and that it is morally reprehensibly and therefore a clandestine activity. The essay expands on these assumptions from the anthropological point of view, thereby detecting blind spots in the conventional approaches. Finally, by discussing four examples, the essay seeks to show how *Ethnologie* can enrich other approaches to social scientific corruption research with a genuine contribution.

Keywords: corruption, *Ethnologie*, discourse, local practices, scandalisation.

O escândalo com respeito à Volkswagen, propaganda nos canais televisivos de serviço público, os Socialdemocratas e a fábrica de resíduos de Colônia, o escândalo de futebol sobre o juiz Hoyzer e outros, caixas pretas clandestinas de partidos políticos e o 'legado judaico' dos

Democratas Cristãos³ – parece às vezes que redes informais e frequentemente clandestinas estão em todo lugar trabalhando para enriquecer indivíduos em detrimento ao bem público. Embora a corrupção possa ter uma longa história, mesmo assim parece que, no clima atual de um capitalismo desregulado, tem expandido de modo quase inimaginável. Rússia, México, Colômbia, Índia, Enron, WorldCom, a bancarrota da Argentina e assim em diante. Nos anos 1990, partidos cristão-democratas da Bélgica, Itália e Alemanha foram abalados por escândalos de corrupção, e antes de sua última eleição à presidência francesa, Jacques Chirac foi acusado de ter estabelecido uma rede de corrupção durante seu tempo como prefeito de Paris. Em 2001, o número de casos de corrupção descobertos em Berlim tinha mais que dobrado desde 1995. Segundo o escritor Gore Vidal (1999), o sistema eleitoral americano é notoriamente

[...] corrupto na sua essência, porque o dinheiro organizado já há muito tempo substituiu o povo organizado como autor de nossa política [...] Do bilhão gasto agora em cada ciclo eleitoral, a maioria é doada em cheques de US-\$ 1.000 ou mais. Mas menos de um décimo de um por cento da população comum faz contribuições individuais nessa taxa. Esses poucos felizes são preparados a pagar um preço alto e crescente para o privilégio de controlar nosso governo.

Esse aumento nos escândalos por si só deve ser suficiente para fazer a corrupção um tema para a *Ethnologie*. Contudo, isso nunca aconteceu de verdade até hoje, como demonstra uma olhada ao índice de palavras chaves do *Internationale Volkskundliche Bibliographie*. Mesmo na tradição da *Ethnologie*, na antropologia social e cultural, o interesse em corrupção está aumentando lentamente, como esboçado num livro recente intitulado *Corruption – Anthropological Perspectives* (Haller & Shore 2005).

³ Os casos mencionados eram bem conhecidos na Alemanha na época, todos foram revelados em torno do ano 2000: em 1999 (caixas pretas clandestinas e o 'legado judaico' dos Democratas Cristãos), 2002 (a fábrica de resíduos de Colônia), 2005 (o escândalo da Volkswagen, o escândalo de futebol, propaganda nos canais televisivos de serviço público). Até esses eventos, os escândalos na Alemanha nunca apareceram concentrados nos discursos públicos e políticos. Eles iniciaram um debate público sobre quão corrupto a Alemanha se tornou.

Essa breve introdução já indica meu entendimento da *Ethnologie*, que é alimentada por fontes diferentes e é baseada, também, nas tradições alemãs e internacionais: antropologia social britânica, antropologia cultural americana e a *Volkskunde* e *Völkerkunde* alemãs. Com enfoque na cultura cotidiana como processo e estrutura, incluindo igualmente tanto as culturas vivas como históricas, essa abordagem baseia-se em três perspectivas: a diferenciação entre o Próprio e o Outro, a visão de baixo e a visão de dentro.

Através de suas ferramentas metodológicas, sua formação teórica e suas áreas clássicas de pesquisa, essa *Ethnologie* é bem aparelhada para complementar as abordagens de outras disciplinas. Neste ensaio quero olhar isso em mais detalhe. Procederei em três passos: primeiro, serão introduzidas as abordagens predominantes na pesquisa sobre corrupção; segundo, serão examinadas as premissas fundamentais sobre corrupção que subjazem essas abordagens com os instrumentos da *Ethnologie*; e, finalmente, quero mostrar de que maneiras a *Ethnologie* pode complementar essas abordagens com uma contribuição real tanto à pesquisa sobre corrupção como ao debate social mais amplo.

Abordagens fundamentais à pesquisa sobre corrupção nas ciências políticas e sociais

A filosofia, a teologia e as ciências políticas e sociais tratam a corrupção, falando em termos gerais, de duas perspectivas: estruturalista e interacionista.

Entre as abordagens estruturalistas há uma visão da corrupção como um fenômeno moral. Deve ser notado que na filosofia e teologia clássicas a corrupção foi considerada menos sob o aspecto do indivíduo e seu comportamento, e mais como um traço básico da natureza humana e como um sintoma da saúde moral da sociedade como um todo (Johnston 1996). Desde São Paulo, e especialmente com Santo Agostinho, os pais da Igreja, a *natura corrupta* da humanidade foi sempre ligada a uma relação causal com o ‘pecado original’ por Adão. O ensino do pecado original foi transformado no início da teologia escolástica num catálogo de vícios, e até chegou ao cinema no *thriller* americano de 1995, *Seven*,

onde os sete pecados originais – luxúria, gula, avareza, preguiça, ira, inveja e orgulho – são representados dramaticamente.

A mensagem básica é: se a moralidade geral é desvinculada de sua ancoragem religiosa, o interesse individual ou ganho pessoal é elevado à norma moral. Tudo então parece estar à venda.

Dos sete pecados capitais, dois em particular subjazem nossa ideia contemporânea de corrupção: gula e avareza. Encontra-se a abordagem moral em campos diversos como os da política de ajuda para o desenvolvimento, a mídia popular ou o discurso político populista; por exemplo, quando a corrupção é denunciada como resultado da depravação moral de oponentes políticos ou como um sintoma para o ‘subdesenvolvimento’ de culturas estrangeiras bárbaras, irracionais e não civilizadas. A corrupção cabe muito bem na lista daqueles fenômenos desagradáveis que são normalmente atribuídos ao Outro, tais como o subdesenvolvimento, barbarismo, pobreza, fanatismo religioso e irracionalidade. Os Outros, é claro, estão localizados fora do círculo de nosso estado de bem-estar civilizado e moderno. A corrupção aqui parece estar meramente endêmica em certas culturas, mas não em outras, ou pelo menos muito menos endêmica. Essa, é claro, é uma posição orientalizadora; é parecida com discursos coloniais sobre selvageria e reflete as escritas dos que, como Banfield (1958), viram o atraso e o subdesenvolvimento como um produto da base ‘moral’ de certas sociedades.

O problema da corrupção, obviamente, não pode ser tratado simplesmente em termos de vícios e virtudes. Já no Velho Testamento e em muitos outros textos antigos, juízes corruptos e administradores desleais não são somente criticados em bases morais, mas são responsabilizados pela justiça. Regulamentos contra a corrupção são documentados em diversos contextos. Relatórios do período dos faraós egípcios ou da China confuciana indicam que práticas corruptas eram muito difundidas e que havia uma ligação entre a estrutura institucional e a corrupção.

Essa segunda abordagem estruturalista pode ser encontrada também nas ciências sociais e políticas de hoje. Aqui se levanta a questão de como um sistema de regulamentos e instituições formais precisa ser constituído para controlar e minimizar a busca por autoenriquecimento individual. São examinados diferentes fatores, tais como a composição das elites no poder, a competição entre elas e as estruturas de responsabilidade em que estão situadas. O resultado é um conjunto de correlações

entre certos fatores e a corrupção que representam a base para o comportamento político. Essa abordagem não somente é usada nas ciências sociais e políticas (Postero 2000), mas também por atores políticos como a Transparência Internacional (TI), uma organização que compila um índice anual de corrupção por país. A TI procura promover componentes modernos do governo e do comércio internacional de acordo com os padrões do Banco Mundial, tais como eficiência, boa administração, a responsabilidade e a transparência. De uma perspectiva cultural comparativa pode ser notado que essa abordagem formula certos valores como hegemônicos, universais e aculturais enquanto não contextualiza precisamente esses valores em termos culturais.

Além das abordagens estruturalistas, as ciências sociais também usam abordagens interacionistas (Johnston 1996), e quero mencionar brevemente três delas desenvolvidas pela professora de Direito, Susan Rose-Ackerman (1996).

A ‘abordagem de cargo público’ descreve o comportamento que desvia dos deveres formais de um papel público em favor ao ganho privado. Corrupção neste sentido é o mau uso do cargo público para o ganho privado, seja ele financeiro, seja um aumento no poder do indivíduo, seja uma melhoria na posição social. Este conceito de corrupção, é bom mencionar, subjaz a maioria das definições de corrupção.

A ‘abordagem de interesse público’ destaca uma situação onde um funcionário público recebe dinheiro para tomar ou deixar de tomar certas ações e, desta forma, prejudica a comunidade (Heidenheimer 1989; Friedrich 1966).

A ‘abordagem centrada no mercado’, finalmente, entra em cena se um funcionário corrupto percebe seu cargo como um negócio (Van Klaveren 1989). Esta abordagem introduz um aspecto de mercado para os serviços públicos, por exemplo, se alguém sempre interpreta suas obrigações estritamente de acordo com a lei, mas depois as interpreta mais generosamente quando subornado.

De acordo com as abordagens estruturalista e interacionista esboçadas aqui, por mais que sejam diferentes em detalhe, a corrupção pode ser caracterizada por três premissas ou suposições básicas:

- ◆ a corrupção ocorre entre as esferas pública e privada;
- ◆ a corrupção é um indicador de instabilidade;

- ♦ a corrupção é moralmente repreensível e, portanto, uma atividade clandestina.

Análise das suposições básicas

O que a *Ethnologie* tem a adicionar a essas abordagens? O componente cultural, obviamente, porque isso, em grande parte, está faltando nas outras abordagens. Estas, do ponto de vista da *Ethnologie*, precisam ser complementadas com o olhar do pesquisador de campo e a perspectiva de baixo – para perguntar sobre culturas de corrupção específicas, para proceder dos mundos da vida real aos quais ganhou acesso através da observação participante e para deduzir os padrões de comportamento, as morais e a responsabilidade contextual ou culturalmente específicos. Agora analisarei essas três premissas básicas em meu segundo passo, usando os instrumentos clássicos da *Ethnologie*.

De um lado, os modelos que classificam o comportamento baseiam-se na separação formal do estado do resto da sociedade, como formulado, por exemplo, por Habermas (1990). Segundo este autor, a sociedade civil – e, portanto, a democracia representativa – está fundada na possibilidade de um acordo objetivo entre interesses competitivos em harmonia com critérios obrigatórios e universais. Os políticos, os burocratas e juízes recebem salários fixos e têm que separar nitidamente suas finanças pessoais das do estado. Desta perspectiva parece que o clientelismo neutraliza a democracia representativa porque coloca amigos em conjunturas estratégicas de poder e controle. A corrupção, consequentemente, se localiza em sociedades em que os funcionários usam seu cargo público para o ganho pessoal.

Nas abordagens explanatórias convencionais, como também na visão de mundo neoliberal e na visão de mundo da Transparência Internacional, a separação entre as esferas pública e privada é fundamental para a observação e a avaliação do comportamento corrupto. Os escândalos de corrupção podem, assim, ser entendidos como uma indicação de que uma sociedade faz a distinção entre as esferas privada e pública. Essa distinção é também uma base para o Iluminismo europeu e as ideias da democracia. Contudo, o que dizer sobre as sociedades que não têm

essa separação? De uma perspectiva etnológica, a maneira da separação é em si culturalmente inscrita. O antropólogo indiano Gupta (1995:378-84), usando o exemplo dos funcionários públicos nos vilarejos indianos setentrionais, descreve como esses funcionários, diferente dos seus contrapartes ocidentais, não somente trabalham sem a separação espacial de casa privada e edifício público, mas têm um estilo de trabalho que mostra nenhuma distinção clara entre as duas esferas: “One has a better chance of finding them [the officials] at the roadside tea stalls and in their homes than in their offices” (Gupta 1995:384). Nas democracias europeias, em contraste, as esferas públicas e privadas são codificadas. Contudo, ao olhar mais de perto pode se reconhecer que a distinção entre as duas tem que ser produzida em primeiro lugar e isso nem sempre acontece. Veja, por exemplo, a margem de discricção que os funcionários públicos alemães são permitidos a exercer e sem a qual eles mal podiam cumprir suas obrigações. Nós, também como suplicantes, tentamos, por meio de nossa polida, obsequiosa ou pretensa incapacidade, expandir seu comportamento discricionário em nosso favor.

Mesmo onde, à primeira vista, as esferas pública e privada estão separadas mais claramente do que na província setentrional indiana, uma distinção é frequentemente difícil. A separação é, contudo, sempre fundada em premissas culturalmente específicas. O que estou dizendo é que a corrupção precisa ser tratada como um fato social abrangente, que não pode ser visto exclusivamente em termos legais e através de modelos supostamente aculturais e a-históricos, mas é necessário incluir o nível da prática cotidiana, os sentidos, os valores e as normas ‘indígenas’. Nestes, o espartilho apertado de uma fixação no fluxo material de capital para o enriquecimento pessoal em detrimento do bem-estar público é muitas vezes ampliado pela inclusão de formas sociais e simbólicas do capital, como diria Bourdieu.

A resposta para a pergunta o que constitui ganho privado é certamente uma questão a ser debatida. Por exemplo, a questão se o governo Kohl na Alemanha era corrupto foi discutido na época em termos de fluxos de capital. Durante a comissão de inquérito sobre o escândalo das doações para a União Cristão-Democrata (*Christlich Demokratische Union/CDU*; o principal partido conservador), o acusado se defendeu ao argumentar que ele nunca lucrou pessoalmente com as doações ilegais. Pelo contrário, os oponentes enfatizaram que isso não era necessariamente

uma questão de dinheiro ou bens materiais, mas também podia ter envolvido capital simbólico que é difícil de medir, tal como o estabelecimento estrutural da CDU na Alemanha Oriental, e assim ganhos em poder e influência.

O que a *Ethnologie* pode trazer para a pesquisa dessas questões inclui a comparação de culturas e suas diferentes percepções de privado e público, como também uma análise de redes [*network analysis*] que traça as conexões entre as elites e dentro delas.

Um segundo componente fundamental das abordagens à pesquisa sobre corrupção identificado por Rose-Ackerman é a premissa de que a corrupção está ligada a estruturas de estado frágeis e, desta maneira, encontra-se principalmente em sistemas instáveis ou em desintegração – em lugares como a Itália ou a América Central. Contudo, a pesquisa antropológica fornece amplas evidências de que muitas vezes o contrário é o caso: práticas e estruturas informais, declaradas *a posteriori* como ‘corruptas’ são, frequentemente, não tanto uma ameaça à estabilidade, mas representam arranjos necessários para a geração e a preservação de estruturas de poder estáveis e hegemônicas. O antropólogo e historiador americano Eric Wolf (1977) reconheceu isso no seu artigo seminal sobre “Kinship, Friendship, and Patron-client Relations in Complex Societies”. Wolf desenvolveu sua tese fundamentada na observação que a economia planejada da União Soviética deveria realmente ter ruído se os planejadores e os administradores das fábricas não tivessem engajado na troca de peças e matéria-prima. Para facilitar o planejamento desta forma ‘suplementar’ de comportamento econômico, tinha que haver um nível de confiança entre os operadores do mercado paralelo, mantida através de jantares opulentos e sessões de bebidas.

Frequentemente, esses arranjos suplementares e apoiadores só chegam a ser visíveis, e assim escandalizados, quando os sistemas hegemônicos são ameaçados.

Desta perspectiva, por exemplo, o reagrupamento ou a desintegração do cartel de poder na ex-Berlim Ocidental não seria o resultado do escândalo sobre a corrupção na associação de bancos em Berlim, mas antes uma de suas causas.

Para acadêmicos e para o público em geral, isso dá a entender que mais atenção deve ser dada à relevância das práticas sociais aparentemente marginais e das estruturas sociais secundárias para o funciona-

mento das principais instituições administrativas e políticas. A *Ethnologie* está bem equipada para isso. As abordagens dedicadas aos costumes e rituais que, simbólica e socialmente, criam e reforçam dívidas, incluindo os rituais de fraternização e os costumes de hospitalidade – principalmente a gastro-etnologia (quem come com quem?) e o exame da domesticidade (quem é convidado por quem para o espaço pessoal de uma casa?). Antes de entregar a pasta proverbial, o certificado de nomeação ou o contrato de venda, vários mediadores precisam aparecer, cujo crédito não é medido em termos de dinheiro, mas em graus de relação ou de conhecimento, experiência comum e redes pessoais. As regras que se aplicam aos cidadãos comuns podem não ser observadas por aqueles envolvidos, mas eles precisam ser capazes de confiar um no outro. Senão, em o que se pode confiar se as leis são ignoradas por todos juntos?

A *Ethnologie* também pode utilizar a *Brauchforschung* [pesquisa sobre costumes], especialmente costumes de repreensão os quais dão *insights* sobre normas de sociabilidade. Um costume moderno, por exemplo, é o *Charivari* [grito estridente] entoado todo domingo no show de televisão de Sabine Christiansen, onde o ‘mau uso social’ – em vez de corrupção na esfera econômica – está sendo lamentado. Estudos de comunidades onde vilas e associações são conceituadas como lugares de harmonia social e sociabilidade, mas também como campos competitivos de interesse frequentemente baseados em laços sociais informais (ver Lanik 2003), podem ser também úteis se focalizam o estudo de polidez, amizade, fofoca e bruxaria.

A análise de trocas e a celebrações de mérito também são úteis. Marcel Mauss, em seu texto clássico “Ensaio sobre a Dádiva” (1989 [1929]), descreve como a obrigação de reciprocidade quando se recebe um presente é um componente fundamental do presente em si. O antropólogo Thomas Hauschild (2000), num artigo no semanal alemão *Die Zeit* há alguns anos descreveu as ligações entre Helmut Kohl e os fiéis partidários como um sistema de compulsão aparentemente construído completamente sobre os contatos amistosos com o patrão, o encorajamento amigável e outras formas de *Gesindepflege* [cuidar de seus favorecidos]. Hoje em dia sabemos que a troca de favores por presentes materiais foi uma parte integral disso, ‘grana’ por lealdade. Sociedades tribais da Nova Guiné não são diferentes neste respeito. Seus Grandes Homens [*Big Men*]

agradecem a homens de posições aparentemente iguais a eles com grandes celebrações com porcos e outras ações de troca até que o poder de persuasão do anfitrião diminua e o sistema se quebre, para dar vez a uma nova rede de troca e séquito. Na vila mexicana estudada por Claudio Lomnitz (1995), os habitantes sabem muito bem que a elite local toma conta do estado e suas instituições no nível local e tira sua prosperidade desta apropriação. Há uma expectativa de que algo desta prosperidade – por exemplo, na forma de festividades – volte para a comunidade. De forma semelhante, os membros fiéis dos principais partidos políticos esperam que algo das vantagens que os líderes do partido asseguram para si mesmos, será passado para eles: ‘prêmios de consolação’ tais como dispensas especiais para políticos locais, viagens de fim de semana para os trabalhadores diligentes, ou recibos falsos para doações livres de imposto (Kirbach & Krupa 2002).

Finalmente, a *Ethnologie* também pode aproveitar as pesquisas sobre parentesco, com uma ênfase especial no compadrio, *Gevatternschaft* [*compadrazgo*] e parentes fictícios, como também as pesquisas sobre clientelismo e patronato, para as quais estudos do sul europeu em particular fizeram uma grande contribuição.

A terceira premissa básica é que a corrupção é uma atividade escondida, conhecida apenas pelas pessoas envolvidas e que acontece em contextos obscuros. Contudo, vários estudos etnológicos comparativos mostram que a corrupção local em particular é frequentemente um complexo de valores e comportamentos do qual a maioria das pessoas sabe como ele funciona e como se comportar em relação a ele (Shore 1989; Pardo 2000; Mitchell 2002).

Um exemplo é a pesquisa de Elizabeth Dougherty (2000) sobre a corrupção em Panamá. Independente de seu status social, político e econômico, todos, segundo a autora, parecem conhecer ‘como funciona o sistema e como acionar o sistema’. Ela descreve uma cena em que um policial para o carro dela e pede dinheiro. Depois que ela finge ser uma estrangeira ignorante que não entende o que o policial quer dela, o policial de repente entra no carro dela e a ensina: “Olhe, é assim que funciona. Eu faço você parar e lhe aplico uma multa. Depois você me dá dinheiro para não ter que ir à polícia rodoviária e pagar uma quantia de dinheiro maior do que você me está dando agora. Entendeu?” Todo o mundo em Panamá conhece este sistema de troca. Dougherty ainda

afirma que em Panamá o sistema oficial de anticorrupção não é a norma, mas uma alternativa ao que chamariamos um sistema informal, mas que aqui representa o sistema normativo de valores e regras.

Em Gibraltar, um domínio da Grã-Bretanha onde eu fiz trabalho de campo por um ano entre 1995 e 1996 (Haller 2000), todo homem e mulher, independente de seu status social, político e econômico, sabia quais padrões tinham que ser contatados e em que maneira com respeito ao recebimento de privilégios (por exemplo, acesso a melhor habitação, tratamento preferencial na privatização de repartições estaduais), e quais serviços eram esperados em retorno. Durante a campanha eleitoral parlamentar esse conhecimento comum foi incluído na cobertura jornalística por aqueles excluídos desse sistema de distribuição, causando sua escandalização. Um conhecimento que até então tinha sido propriedade comum, e um em que todos os residentes tinham participado através de fofocas, foi convertido em um novo conhecimento através de sua apresentação visualizada em um novo nível. Por exemplo, o ministro-chefe socialista Joe Bossano foi abertamente acusado pela oposição conservadora de cumplicidade, nepotismo e favoritismo. Um panfleto da campanha do partido conservador até colocou um diagrama mostrando a extensão do envolvimento de Bossano nas companhias recentemente privatizadas – e confirmou o que a fofoca local tinha consistentemente enfatizado: que o ministro-chefe e seus ministros eram os principais acionistas e beneficiários dessas companhias privatizadas (Haller & Shore 2005). Aqui é importante focalizar o significado de ‘transparência’ e ‘público’: não é que pessoas simplesmente falam sobre corrupção – o que importa é a maneira como ela é discutida, e os lugares onde tal discussão acontece. O fator decisivo para engatilhar um escândalo de corrupção não parece ser o conhecimento social sobre práticas corruptas, mas o fórum em que esse conhecimento é articulado, e assim o referencial pelo qual um comportamento é julgado como aceitável/inaceitável, legítimo/ilegítimo, legal/ilegal.

Alias, as pesquisas alemãs sobre dialetos já por muito tempo mostram isso. Essas pesquisas demonstram que ideias claras sobre corrupção, e concepções para isso, existem na maioria das culturas regionais: os cliques de Colônia são notórios, o nepotismo do sul da Alemanha também é, como também é a frase sueva do apresentador de TV Alfred Biolek: “*es menschelet halt iiberall*” [está apenas ‘humano-ando’ em todo

canto], ou o bávaro hispanizado, onde *amigos* têm substituído os personagens tradicionais chamados *Spetzln*.

Além da pesquisa dialetal, a investigação de padrões sociais e locais de honra é útil, por estudar as fachadas públicas atrás das quais o conhecimento geral sobre as diversas práticas honoráveis pode estar bem escondido. Há também a pesquisa dos ritos e costumes, particularmente a pesquisa sobre ritos de inversão como os costumes de Carnaval, que podem expressar o que é geralmente conhecido, mas que somente pode ser dito em particular.

Em termos de metodologia deve-se, é claro, mencionar a tradição da pesquisa de campo e, mais precisamente, a prática da observação participante que envolve a penetração do sistema social através da co-presença meticulosa e trabalhosa que envolve a aprendizagem de como as ‘coisas’ funcionam.

A contribuição da *Ethnologie*

Usando quatro exemplos, eu gostaria mostrar como a *Ethnologie* pode enriquecer outras abordagens de pesquisa científica social sobre corrupção com uma contribuição genuína.

O primeiro campo, o relato das práticas e discursos locais acerca da formação de confiança, troca de presentes, suborno e dívida, tem se baseado no empenho de gerar conhecimento positivo sobre o mundo. Aqui o foco central da pesquisa está na ligação entre diferentes situações e transações que uma cultura particular – seja regional, social ou étnica – marca como corrupta. Contudo, em vez de começar com definições de corrupção culturalmente específicas, o objetivo é entender formas locais de corrupção e critérios locais de distinção para a formação de confiança, troca de presentes e suborno (Smart 1993). Werner (2000) é um exemplo de uma investigação de critérios indígenas da ordem para trocar presentes e subornos em Cazaquistão. Há, por exemplo, distinções com respeito ao caráter dos bens trocados (dinheiro vs. não dinheiro), o status do receptor (oficial vs. não oficial), o motivo da troca (contraditória ritual vs. uma intenção proposital), a definição cultural da troca (tradicional/imoral), a transparência da troca (transparente/discreta) e a definição legal da troca (legal/ilegal).

Portanto, uma verdadeira tarefa da *Ethnologie* é correlacionar definições de corrupção postas em prática com um entendimento local de corrupção, e com base nisso desenvolver definições culturalmente sensíveis; por exemplo, da corrupção como uma forma de evitar as normas e regras consideradas obrigatórias com respeito à prática de poder e influência – seja nas esferas política ou social, pública ou privada ou entre essas – pelo fluxo do capital material, social ou simbólico. Porém, deveríamos ter cuidado para não cair em uma cilada culturalmente relativística, a saber, a romantização de padrões locais para várias formas de troca corrupta (p.ex., como resistência) entre nossos informantes. Em nossa análise devemos levar em consideração o aspecto do poder socialmente imanente porque há sempre aqueles que têm acesso aos recursos que podem reduzir pressões, podem ajudar com a tolerância da ilegalidades e arranjar ajuda, e aqueles que são excluídos de tal acesso. Muitas pessoas têm tão pouco capital financeiro, social e cultural que não são interessantes como participantes em tais transações.

Para a Europa como um campo de pesquisa isso significaria examinar se a onda de escandalizações a que me referi no início deste artigo, e que interpretei como uma consequência de grandes reconfigurações do sistema sociopolítico (o fim da confronto Leste-Oeste e a reorganização do estado de bem-estar ocidental), indica uma transformação das normas e regras locais que pode ser evitada. Se a reorganização das estruturas existentes favorece comportamentos adaptativos, então o recuo do estado de bem-estar e a transferência de riscos para o indivíduo poderia facilmente levar à criação e fortalecimento de novas estruturas sociais informais de ajuda da vizinhança, clientelismo, patronato, relações econômicas paralelas e à classificação de práticas até então comuns como corruptas.

A segunda contribuição genuinamente etnológica é a comparação cultural que se constrói na base do conhecimento sobre corrupção em culturas individuais. Podemos ver, então, que a corrupção, bem como as maneiras de lidar com ela, pode assumir formas bastante diferentes. Etnólogos da Universidade de Tübingen trabalhando num projeto – ainda inédito – sobre o clientelismo na Alemanha e na Itália depois da Guerra Fria observaram que nosso sistema na Europa Central é pouco diferente daquele na Itália, exceto talvez com respeito ao uso da violência física. Os perdedores os quais na Itália estão ocasionalmente ‘cimen-

tados' nos pilares de pontes grandes ou edifícios são 'afundados' de outra maneira na Europa Central: um crítico perigoso é silenciado por dar a ele uma posição lucrativa no departamento de obras da cidade onde ele pode se relaxar. Isso é a que o clique de Colônia se refere como 'afundando' alguém.

A terceira contribuição é devido a tarefa social da *Ethnologie*, baseada no conhecimento dos contextos cotidianos locais, de praticar a crítica cultural e de questionar o que é tomado por certo. Em nossa época, isso inclui, por exemplo, a fé radical em poder, e questões sobre ligações ente a luta contra corrupção e o sistema econômico neoliberal. Estratégias neoliberais enfatizam, por exemplo, o uso efetivo da desregulamentação e da privatização na luta contra corrupção. É implícita neste argumento a suposição de que a corrupção surja meramente na interação entre o privado e o público (setor do estado), e por isso a redução ou eliminação do setor público também minimizará a corrupção. Perspectivas populares e acadêmicas que definem a corrupção como um produto da interação entre as esferas pública e privada excluem suborno e favoritismo entre os protagonistas privados e, dessa forma, escondem qualquer incidência de corrupção dentro da área econômica (p.ex., os 'presentes de manhã' na indústria de construção civil para realizar os pedidos entre os fornecedores principais e os secundários).

O que é negligenciado nessas perspectivas é o fato de que a competição no mercado econômico, como a competição no campo político (para o fim de ganhar e preservar o poder), não conhece outra norma a não ser aquela do sucesso. "Corrupção e a maximização a todo custo, até entre diferentes protagonistas no setor privado, não são, portanto, regressões, nem meramente transgressões individuais; elas são inseparáveis do capitalismo" (PROKLA 2001; tradução D.H.). Enquanto a corrupção tem assumida uma importância excepcional no contexto da privatização de empresas estatais, ela não é restrita à interação entre protagonistas privados e funcionários públicos, mas acontece em grau incomensurável especialmente nos negócios privados, como demonstram os escândalos de balancete de 2002 envolvendo Enron, World Com, Xerox, AOL-Time Warner e outros de forma impressionante. Questões e modelos científicos que definem corrupção como um produto da interação entre os setores público e privado apoiam a hegemonia

de uma maneira econômica de pensar que deixa de reconhecer precisamente essa forma de corrupção.

O último campo em que a *Ethnologie* pode fazer uma contribuição tem a ver, de novo, com a tarefa de gerar conhecimentos positivos sobre o mundo. Isto é sobre olhar para corrupção com Foucault como um campo produtivo, e de examinar aqueles efeitos que são gerados por discursos e práticas de corrupção, tais como a produção de diferentes protagonistas. Gupta, por exemplo, mostra como a interação entre requerentes e funcionários públicos facilita a experiência de um estado abstrato no nível local e assim dá vida ao estado. Discursos da mídia, por outro lado, produzem um ‘público’ dotado com direitos e uma ‘casta política’ amarrada por deveres. Tomemos o incidente italiano de Tangentopoli (Giglioli 1996). A introdução de companhias de rádio privadas nos anos 1980 somente criou ‘o interesse público’ e ‘o povo’ como protagonistas morais além das lealdades a partidos políticos onde antes cada um dos três canais de televisão foi dominado por um dos principais partidos (TG 1 pelos Cristão-Democratas, TG 2 pelos Socialistas e TG 3 pelos Comunistas). Após a privatização a paisagem midiática italiana operou mais orientada para o mercado do que antes e a competição entre os radiodifusores levou, pelo menos em parte, a um relaxamento das relações anteriores com os partidos políticos. “Entre jornalistas”, diz Giglioli (1996:387), “a ideia de que eles podiam agir como representantes do interesse público, mais do que porta-vozes dos partidos, começou a vingar.” Isso levou à construção do ‘público’ como um novo ator no debate político. Precisamos prestar mais atenção a essas forças produtivas dos discursos e práticas da corrupção.

Conclusão

Podemos observar, em síntese, que a *Ethnologie* pode complementar apropriadamente outras abordagens à pesquisa sobre corrupção com sua visão do lado cultural. Pode também contribuir para a compreensão social da corrupção. Além disso, a *Ethnologie* não somente é estruturada para fazer afirmações gerais sobre corrupção, mas também dispõe de vários inventários de conhecimento que ela pode utilizar para contribuir aos estudos de problemas correntes, tais como a corrupção no contexto

da reconfiguração do estado de bem-estar. Considero que um dos principais focos do meu trabalho em Bochum é o de explorar tais questões e de contribuir para fortalecer o peso do tema em debates públicos sobre o futuro das disciplinas acadêmicas, debates que são guiados por considerações da utilidade mais ampla dessas disciplinas.

Bibliografia

- BANFIELD, Edward C. 1958. *The Moral Basis of a Backward Society*. New York: Free Press.
- DOUGHERTY, Elizabeth. 2000. The Hegemony of Corruption. Paper presented at the AAA-meeting, San Francisco.
- FRIEDRICH, Carl J. 1966. Political Pathology. *The Political Quarterly* 37:70-85.
- GIGLIOLI, Pier Paolo. 1996. Political Corruption and the Media: The Tangentopoli Affair. *International Social Science Journal*, 149:381-94.
- GUPTA, Akhil. 1995. Blurred Boundaries: The Discourse of Corruption, the Culture of Politics, and the Imagined State. *American Ethnologist*, 22(2): 375-402.
- HABERMAS, Jürgen. 1990. *Strukturwandel der Öffentlichkeit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- HALLER, Dieter. 2000. *Gelebte Grenze Gibraltar: Transnationalismus, Lokalität und Identität in kulturanthropologischer Perspektive*. Wiesbaden: Deutscher Universitätsverlag.
- _____ & SHORE, Chris (eds.). 2005. *Corruption: Anthropological Perspectives*. London: Pluto.
- HAUSCHILD, Thomas. 2000. Ein müder Heller für die CDU! Ethnologen erforschen den Parteienskandal – Eine kleine Anthropologie des “Bimbis”. *DIE ZEIT*, 6/2000.
- HEIDENHEIMER, Arnold J. 1989. Perspectives on the Perception of Corruption. In _____; JOHNSTON, Michael; LEVINE, Victor (eds.): *Political Corruption: A Handbook*, pp. 149-64. New Brunswick, NJ: Transaction.

- JOHNSTON, Michael. 1996. The Search for Definition: The Vitality of Politics and the Issue of Corruption. *International Social Science Journal*, 149:321-37.
- KIRBACH, Roland & KRUPA, Mathias. 2002. Der Abfall der Genossen. *DIE ZEIT*, 12/2002.
- LANIK, Monika. 2003. *Freie Bürger und Freimaurerinnen: Lokalpolitik am Ende des 20. Jahrhunderts*. Berlin: Reimer.
- LOMNITZ, Claudio. 1995. Ritual, Rumor and Corruption in the Constitution of Polity in Mexico. *Journal of Latin American Anthropology* 1(1):20-47.
- MAUSS, Marcel. 1989 [1925]. Die Gabe. In: *Soziologie und Anthropologie*, vol. 2, pp. 11-148. Frankfurt am Main: Fischer.
- MITCHELL, John. 2002. *Ambivalent Europeans: Ritual, Memory and the Public Sphere in Malta*. London: Routledge.
- PARDO, Italo. 2000. *The Morals of Legitimacy*. Oxford, New York: Berghahn.
- POSTERO, Nancy. 2000. A Case Study of Land Loss and Leadership in a Guaraní Village. Paper presented at the AAA-meeting, San Francisco.
- PROKLA. 2001. Editorial PROKLA 124: "Bereichert euch! – und zwar nach Strich und Faden". *PROKLA – Zeitschrift für kritische Sozialwissenschaft*, 124. (www.prokla.de/archiv/archivframeset.htm; acesso em 08/04/2008)
- ROSE-ACKERMAN, Susan. 1996. Democracy and "Grand" Corruption. *International Social Science Journal*, 48(3):365-80.
- SHORE, Chris. 1989. Patronage and Bureaucracy in Complex Societies: Social Rules and Social Relations in an Italian University. *Journal of the Anthropology Society of Oxford* 29:56-73.
- _____. 2000. *Building Europe: The Cultural Politics of European Integration*. London: Routledge.
- _____ & NUGENT, Stephen (eds.). 2002. *Elite Cultures: Anthropological Perspectives*. London: Routledge.
- SMART, Alan. 1993. Gifts, Bribes and *Guanxi*: A Reconsideration of Bourdieu's Social Capital. *Cultural Anthropology*, 8(3):388-408.
- TRANSPARENCY INTERNATIONAL DEUTSCHLAND e.V. (www.transparency.de/welcome.de.html; acesso em 08/04/2008).

- VAN KLAVEREN, Jacob. 1989. The Concept of Corruption. In HEIDENHEIMER, Arnold J.; JOHNSTON, Michael; LEVINE, Victor (eds.): *Political Corruption: A Handbook*, pp. 25-8. New Brunswick, NJ: Transaction.
- VIDAL, Gore. 1999. A Corrupt System: The People Who Own the Country Shouldn't Run It. In COHEN, Joshua & ROGERS, Joel (eds.): *Money and Politics: Financing Our Elections Democratically*, pp. VII-XII. Boston: Beacon Press.
- WERNER, Cynthia Ann. 2000. Gifts, Bribes, and Development in Post-Soviet Kazakhstan. *Human Organization*, 59:11–22.
- WOLF, Eric. 1977. Kinship, Friendship, and Patron-Client Relations in Complex Societies. In SCHMIDT, Steffn W.; SCOTT, James C.; LANDÉ, Carl; GUASTI, Laura (eds.): *Friends, Followers and Factions – A Reader in Political Clientelism*, pp. 167-79. Berkeley: University of California Press.

Tradução: Judith Chambliss Hoffnagel
Revisão técnica: Peter Schröder

Recebido em outubro de 2011

Aprovado para publicação em novembro de 2011

